

DEBATENDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA LOUCURA NA SALA DE AULA

**CHRISTIANE MANFIO CHRISTMANN¹;
ANA PAULA GUETERREZ MOREIRA²; EDUARDO MASSOCO RIOS³**

¹Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – chrismanfio@gmail.com

²Universidade Federal do Pampa – paulagm2013@gmail.com

³Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA – eduardo_m_rios@live.com

1. INTRODUÇÃO

A loucura esteve associada ou a fenômenos fantásticos ou espirituais ou negativos, estranhos ou ameaçadores, desestabilizantes. De acordo com OLIVEIRA (2008), a loucura constitui uma típica referência de alteridade e diferença radical, no sentido em que o louco aparece como a imagem do absolutamente outro, porque a loucura é sempre do outro.

Acreditava-se que os sujeitos padeciam de uma doença da razão, que os excluía do contexto familiar e social. Louco, era o conceito aplicado, segundo PERES et al (2012), às pessoas que não se comportavam segundo uma conduta social adequada, como os escravos, traidores e criminosos, que sofriam marcas no corpo e assim teriam o repúdio e preconceito das pessoas.

Na área da Enfermagem, as Representações Sociais podem ser compreendidas em função das inúmeras influências cotidianas, possibilitando rever seus conteúdos e as práticas sociais. Complementam FERREIRA e BRUM (2000) que estudar as Representações Sociais pode ser extremamente útil, pois além de contribuir em estudos sobre a concepção do processo saúde-doença, permitem pesquisar também aspectos relativos a profissão: quem somos, o que sabemos, a quem prestamos o cuidado, que tipo de cuidado é prestado e qual seu significado no contexto social.

É sabido que o processo de construção das representações do louco e da loucura é indissociável de um longo e complexo percurso histórico, entrosado que está nos discursos e ações que a loucura e a partir da loucura geral. Para OLIVEIRA (2008), o conceito de doença mental e loucura, está, portanto, estreitamente envolvido com o grau de aceitação da sociedade de determinados valores; o modo como os tratamentos e intervenções evoluem cabe inevitavelmente neste entendimento.

Para SCHLÖSSER, ROSA e DELVAN (2012) o termo loucura foi escolhido mediante a noção de ser a forma mais comum que a população designa ao se referir aos transtornos mentais, favorecendo assim o diálogo e o acesso às suas informações, através da linguagem coloquial usados no cotidiano. A loucura é reconhecida como um produto sócio-cultural, que caminha através da história com diferentes significados.

A partir da Reforma Psiquiátrica (RP), o sujeito com sofrimento psíquico submetido à exclusão e estigmas visto agora como um sujeito com o saber, passa a ser um cidadão que tem voz e direitos. De acordo com BARROS, JÚNIOR e PARTATA (2013), o processo da RP no Brasil tem início da década de 70, lutando pelos direitos dos pacientes psiquiátricos. O movimento iniciou através das ideias italianas que visavam a desinstitucionalização da Psiquiatria, pois provavam ser uma nova abordagem para o cuidado do paciente mental.

Através desses entendimentos, surgiu a ideia de aprofundar os conhecimentos acerca das Representações Sociais da Loucura dentro da

disciplina de Saúde Mental I, do curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Esse componente curricular faz parte da matriz curricular do segundo semestre do curso, onde os alunos ainda não tiveram contato com os pacientes e durante o período prático será a primeira vez que os alunos irão para o Sistema de Saúde.

As Representações Sociais, são definidas por RODRIGUES et al (2009, apud MOSCOVICI, 1978) pelo estabelecimento de três dimensões: a informação, que é a organização dos conhecimentos; a representação, que é o modelo social, e; a atitude, que é a postura de um grupo em relação à informação.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa foi verificar os vários modos de nomenclaturas destinadas aos portadores de sofrimento psíquico. Dessa forma, buscava-se compreender como o aluno percebe e entende a pessoa com sofrimento psíquico intenso, tanto para dar-lhe voz acerca de seu sofrimento, quanto para desmistificar para ela e seus colegas o que acontece com essa pessoa, principalmente, pois nesse componente curricular é o local de socialização e formação de conceitos incluindo estes sobre a loucura.

2. METODOLOGIA

Após a exposição dos tópicos principais do conteúdo Representações Sociais da Loucura, pelo regente da Disciplina, foi proposta uma atividade em roda de conversas para o levantamento das classificações que são destinadas aos portadores de sofrimentos psíquicos. Para UCHÔA (2009), as Rodas de Conversas é um espaço dialógico e solidário, com ampliação da escuta, participação de todos e relações mais próximas entre os usuários.

Os alunos deveriam expor as suas definições (limite de cinco), previamente listadas, para o grande grupo e dessa forma a turma deveria debater sobre os seus entendimentos, mitos e verdades. As definições dos alunos para o termo “louco” foram escritas no quadro branco para análise e debate. Assim, foram agrupadas para que pudessem ser categorizadas e servidas de exemplo no restante da disciplina.

Durante todo o período teórico, o regente da Disciplina procurou trazer o conhecimento do cotidiano dos alunos para realizar uma associação com os conteúdos propostos pelo Plano de Ensino do Componente Curricular. Dessa forma, buscava-se tratar a Saúde Mental de uma forma menos amedrontadora para todos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a roda de conversa com os alunos foram identificadas várias nomenclaturas de classificação para o portador de transtornos mentais. Para UCHÔA (2009), a criação de diálogos entre os atores – no caso, os alunos – propicia a construção e difusão de um novo conhecimento e inova em relação ao conhecimento crítico em saúde, apontando caminhos institucionais e organizativos mais adequados à superação dos problemas de saúde.

Ao longo da aula, as nomenclaturas foram categorizadas em: definições corretas para portadores de transtornos mentais ou psíquicos, onde a maioria dos participantes conseguiu elaborar um bom conceito. Outros alunos classificaram o louco de forma irônica, definindo como sendo alguém conhecido ou familiar. Por fim, foram citados como loucos as pessoas que andam vagando pelas ruas, que são características das cidades e bairros.

Dessa forma, foi-se debatendo com a turma assuntos relacionados ao preconceito, forma correta de chamar os usuários da Saúde Mental, a importância da humanização para o tratamento destes. De acordo com SPADINI e SOUZA (2006), a estigmatização da loucura faz com que o doente perca a sua cidadania, sofra preconceitos e seja segregado da sociedade, pois nos dias atuais, “o louco ainda é visto com preconceitos, a concepção da loucura está, de certa forma, ligada à história do homem. Mas, parece que o contato dos profissionais de saúde com a doença, desmistifica o louco e a loucura” SPADINI e SOUZA (2006, apud KANTORSKI, PINHO e MACHADO, 2001).

4. CONCLUSÕES

Ao final deste trabalho, verificou-se a importância de variar a dinâmica de exposição dos conteúdos teóricos para o componente curricular Saúde Mental. Os alunos ao ingressarem na Disciplina apresentam-se receosos e muito curiosos, querendo conhecer os conteúdos e como aplicá-los. A forma trazida pelo professor, onde os alunos trazem o seu conhecimento do dia a dia acerca dos tópicos do conteúdo, é uma forma de despertar o interesse pela área da Saúde Mental.

Sobre o conteúdo Representações Sociais da Loucura pode-se verificar que os alunos saíram com uma visão diferenciada da nomenclatura como é tratado o portador de transtornos psíquicos, visto que essas pessoas ainda sofrem muito preconceito da população em geral, dificultando a sua aderência ao tratamento de forma eficaz.

Acredita-se que a elaboração de campanhas de conscientização e informação para a população em geral devem ser lançadas pelo poder público, estando dentro das normas preconizadas pela Reforma Psiquiátrica. A Academia pode auxiliar muito nesta etapa, levando os alunos para disseminar esses conceitos, por exemplo, nas escolas, desde os anos iniciais, até o Ensino Médio, trabalhando com cada faixa etária uma forma apropriada.

Este trabalho conclui, em conformidade com os estudos de SCHLÖSSER, ROSA e DELVAN (2012), que na fase da infância e adolescência inúmeras condutas sociais, valores e crenças são formados e que é notório um crescente número de filmes, novelas e seriados televisivos que abordam temáticas referentes a manifestação de sofrimento psíquico, proporcionando maior contato desta população com este tipo de fenômeno, formando, assim, a personalidade e conceitos de cada um.

Por fim, o trabalho atingiu o seu objetivo principal, verificando as várias nomenclaturas utilizadas para o tratamento de portadores de transtornos psíquicos, onde foram categorizados de forma que os alunos que estavam cursando o componente curricular Saúde Mental I, soubessem, quando forem para campo prático utilizar da melhor forma a identificação de seus pacientes e possam auxiliar na Educação da população em geral, acerca do preconceito e estigmatização dos pacientes da área da Saúde Mental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, DDN; JÚNIOR, LCG; PARTATA, AK. Reforma Psiquiátrica: Fluxograma de Dispensação de Controlados Sugerido à Farmácia do CAPS II Araguaína-TO. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 6, n. 1, 2013.

FERREIRA, SRS; BRUM, JLR. As Representações Sociais e suas Contribuições no Campo da Saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 5-14, 2000.

OLIVEIRA, SS. A Loucura que Só o Outro Tem. **Interacções**, Coimbra, n. 16, p. 93-100, 2008.

PERES, GM et al; Representações Sociais do Louco/Loucura para Estudantes de Nível Fundamental. **Saúde e Transformação Social**, v. 3, n. 12, p. 96-103, 2012.

RODRIGUES, SS et al. Os Olhares Médico e Jurídico Sobre o Louco: Um Estudo das Representações Acerca da Loucura. **Psicologia, o Portal dos Psicólogos**, 2009. Disponível em < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0471.pdf>>.

SCHLÖSSER, A; ROSA, GFC; DELVAN, JS. Representações Sociais em Adolescentes Acerca da Etiologia da Loucura. **Estudos em Representações Sociais**, Vitória, v. 1, p. 126-131, 2012.

SPADINI, LS; SOUZA, MCBM. A Doença Mental sob o Olhar de Pacientes e Familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 123-127, 2006.

UCHÔA, AC. Experiências Inovadoras de Cuidado no Programa Saúde da Família (PSF): Potencialidades e Limites. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, v. 13, n. 29, p. 299-311, 2009.